

FORMAÇÃO FLUXO: DO MEDIAR POÉTICO AO CIENTÍFICO

ANDRÉ MARTINS ZIGLER¹; CAROLINA CLASEN²
CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT³

¹Universidade Federal de Pelotas - aa.martinz02@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - clsnmail@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - carol80cr@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Essa escrita teve origem com o trabalho, em andamento, de conclusão de curso em Artes Visuais Bacharelado e apresenta uma reflexão a respeito da formação dos indivíduos como Fluxo da vida. Tal proposição parte das experiências e percepções do mediador artístico. Discutindo posteriormente o espaço mundo, Gaia, problematizando as forças dominantes, que obstruem o fazer do conhecimento e a formação sensível, e a produção poética do autor. Utilizando os conceitos de Vontade de Potência, de Frederich Nietzsche, Imagem Poética, de Gaston Bachelard e de Normose, por Renato Souza reflete-se ao final o científico como sensível e convergente à imaginação, e não somente ao racional e à inteligência. Ademais, preciso crer no além, além da realidade, da morte, para estar aberto a novas vivências e prosseguir com as minhas pesquisas sobre a imaginação/devaneio como potentes aliadas para formação sensível e no construir de espaços que abriguem as diversidades do viver. Seria, então, oportuno citar um pensamento do filósofo do imaginário [*que muito tenho afinidade*] Gaston Bachelard (1884): “imaginar que o plano dos pensamentos mais claros se apresenta sempre por primeiro, que esse plano deve ficar o plano de referência e que todas as outras pesquisas se ordenam a partir do plano da clareza primitiva” (1978, p. 69).

2. METODOLOGIA

Quando reflito o mediador parto das minhas experiências (desde 2011) de mediação artística com o Grupo Patafísica: Mediadores do Imaginário. Inicialmente reflito as relações sociais: quando um grupo de estranhos, com olhares apreensivos e curiosos, falando de tudo e nada sem grandes apegos teóricos e dentro de um meio acadêmico; naquele instante percebia a potência do imaginar na construção do conhecimento. A proposta inicial dessa experiência em grupo foi de mediarmos a Galeria A SALA¹, porém, possuíamos apenas uma coisa em comum: a [*potente*] ingenuidade a respeito da mediação. Sob o caráter horizontal do Grupo nos propomos e estimulamos, em um primeiro instante, a pensarmos a mediação a partir de nossas experiências com o mundo, livres para formularmos teorias e compartilharmos sensibilidades particulares dentro de um grupo. Nesse momento percebia a importância e a dificuldade que tínhamos/temos em mediarmos percepções individuais em um contexto de grupo. Após diversos [*saudáveis*] conflitos, cumplicidades e problematizações acerca do “mediar uma exposição”, o grupo reconheceu de não sentirem-se afeiçoados pelo mediador como detentor de um conhecimento específico ou do discurso verdadeiro sobre o artista/exposição/obra de arte. Surgindo, a descoberta da existência de particulares *eu mediadores* dentro do grupo e sentimos a necessidade de experimentar nossas

¹ Galeria de arte do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

projeções de mediações antes de serem propostas aos visitantes, chegando ao consenso da mediação como um fazer artístico/poético, em que os mediadores são apenas os provocadores/propositores e o público fomentador de novos conceitos/percepções/afetos acerca da obra de arte. Acontece, aqui, o que chamamos de Mediação Artística.

3. RESULTADO E DISCUSSÕES

Afinando-me com a arte como visão de mundo, o espaço que proponho aqui é uma suposição, é imaginado. Com um caráter intuitivo e estimulado por experiências do cotidiano, percebo que esse espaço seja como uma pequena parte do universo, já que este se encontra em constante inflação cósmica [*assim como a poética*], relacionando, aqui, essa inflação cósmica com o conceito de *Vontade de Potência* do filósofo alemão Nietzsche (1844), que nos diz que “a vontade de potência não é um ser, não é um devir, mas um phatos, — ela é o fato elementar de onde resulta um devir e uma ação...” (s.d. pg. 212). Então a Terra aqui é encarada como *Gaia*, super organismo de uma natureza - fluxo - maior, a cósmica convergindo nessa proposta de espaço duas teorias científicas: a *Hipótese de Gaia*², do cientista James Lovelock (1919) e a *Teoria da Inflação Cósmica*³ de Alan Guth (1947). Porém nascemos em um sistema que não valoriza o mediar intrínseco [*consigo mesmo*], obstruindo o espaço através da homogeneização da formação dos indivíduos como reprodutores de produtos [*lucro/capital*] e repercutindo, muitas vezes, em expressões/indivíduos reprimidas/deprimidos, estado de encolhimento que nos deixa em [*quase*] inércia afetando até mesmo as coisas do espaço, como por exemplo, o fazer do conhecimento. Encontro, então, a *Normose*, ideia elaborada por Renato Souza:

“Para Weil, a Normose pode ser definida como um conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir, que são aprovados por consenso ou por maioria em uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte. Crema afirma que uma pessoa normótica é aquela que se adapta a um contexto e a um sistema doente, e age como a maioria. E para Leloup, a Normose é um sofrimento, a busca da conformidade que impede o encaminhamento do desejo no interior de cada um, interrompendo o fluxo evolutivo e gerando estagnação.” (SOUZA. 2014. p. 245)

Essa [*quase*] inércia entra em oposição à expansão da *Vontade de Potência* [*obstruindo-a*]. Nesse momento de descobertas de visões de mundo relaciono o caráter propositivo do “eu mediador” com meu processo poético. Assumindo a minha produção como proposições de imagens poéticas⁴ e que partem de

² A Hipótese Gaia é uma hipótese ecológica que propõe que a biosfera e os componentes físicos da Terra (atmosfera, criosfera, hidrosfera e litosfera) são integradas formando um sistema interativo complexo que mantém as condições climáticas e bioquímicas na Terra em uma homeostase preferida. ecebeu o nome - pela sugestão do vizinho William Golding - de Hipótese Gaia, o nome da deusa grega suprema da Terra. A hipótese é frequentemente descrita como vendo a Terra como um organismo singular.

³ A teoria inflacionária aborda que o universo encontra-se em constante expansão. Foi proposta pela primeira vez em 1981, e nos anos seguintes vários físicos tais como Stephen Hawking, Andrei Linde e Paul Steinhardt foram responsáveis por seu desenvolvimento e modificação, inclusive Guth.

⁴ O termo imagem poética, de acordo com o pensamento de Friedrich Schlegel (1859, p. 100) sobre a linguagem, acontece quando a criação se dá pelo impulso, simples, por um só jato. Posteriormente Gaston Bachelard (1988, p.06) reflete que são esses os impulsos que o fenomenólogo da imaginação deve reviver.

experiências/fazeções afetivas, com pessoas e locais que [*simplesmente*] me fazem felizes – e talvez na tentativa de pulsar forças que valorizam o corpo e a sensibilidade. Afino-me com a ideia de que a minha produção não seja detentora de conceitos relacionados com discurso analítico dominante [*de origem modernista*] do campo das artes e que disciplina/reprime a produção artística - subvertendo pejorativamente a inflável poética – para uma “legitimação” no mercado. Surgindo instalações de acordo com espaço que se encontram. Então sinto-me leve e próximo com o pensamento de arte onde

[...] se acumula ao redor da obra de arte a vegetação exuberante com as quais seus intérpretes a decoram, às vezes a ponto de nos ocultá-las inteiramente. E, no entanto, a sua natureza é acolher todos esses possíveis. Talvez por que eles estejam misturados. Esse é um aspecto de sua vida imortal, e se é permitido falar assim, é a eternidade do seu presente, a prova da sua abundância humana, do seu interesse inesgotável. (FOCILLON. 1981. pg. 11)

4. CONCLUSÃO

Nesse final da escrita proponho um pequeno mito [*talvez metáfora*] criado a partir de uma das *Imagens Poéticas* produzidas por mim, pois acredito na diversidade de linguagens e nas suas potências de sensibilização, reflexão no fazer do conhecimento.

Figura 01 - Imagem Poética, “Anelar”. 2014



[Em certo dia de navegação alguns tripulantes veteranos contavam-me sobre os Piratas Inanis Inertiae e suas grandes vontades [*ganâncias*] em expandir e imortalizar a riqueza material da sua casa, a Ilha Cinzenta. Usufruindo grandes navios de metal, navegam no mar interrompendo o fluxo dos outros seres vivos em busca de matérias primas, mão de obra e conhecimentos que pudessem valorizar sua casa. Para isso usavam em suas armas o veneno Legum Inertiam, que quando em contato com a corrente sanguínea do alvo adormecia algumas de suas percepções, deixando-os suscetíveis, inicialmente, às maliciosas palavras dos Piratas. Posteriormente se os alvos contaminados não fossem estimulados a

saírem do seu estado de dormência o veneno alçaria um outro efeito; deixaria a visão sincrética da vítima em profundo estado meditativo, provocando a alienação e deixando a formação dos indivíduos em inércia por viverem somente em torno das possibilidades de riquezas que a Ilha Cinzenta promovia. Os ferozes e sedutores sereianos eram os maiores inimigos do Piratas, por defenderem a liberdade e diversidade do fluxo marinho.]

A partir desse breve mito concluo [*temporariamente*] que a formação do indivíduo, do científico, do sensível e do conhecimento podem ser encarados como o próprio *Fluxo*. E quando presos em qualquer sistema dominante [*menor que a Vida*] afastam-se do caráter etéreo [*de movimento*] do *Fluxo*, ficando em inércia e obstruindo assim suas expansões. Talvez, seja necessário despirmos de alguns preconceitos científicos para aceitarmos que diferentes linguagens/afinidades/ferramentas são igualmente comprometidas, importantes e responsáveis à educação. Podendo construir, assim, espaços que abriguem diversidades e que possibilite os indivíduos a mediar diferentes e particulares *Mundos* [*que lhe fazem felizes*] durante sua formação. Penso que, quando o pesquisador em Bacharelado em Artes Visuais propuser-se em expandir suas reflexões além dos obstruídos/reprimidos discursos que visam aproximar e legitimar a produção artística com o científico que visa lucros, possa sensibilizar-se com a potência da investigação de percepções que antecedem a formação do científico, distinguindo a obra de arte, enquanto produto, da proposição artística, enquanto poética. Podendo, assim, propor um científico que respeite o pesquisador como todo [*ser humano sensível*], emocional e racional. Fortalecendo [*junto com*] a educação o construir de um espaço de acessibilidade [*que atravessa as forças dominantes*] às forças sensíveis, com a poética de cada um, surgindo maior liberdade de formação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **Livro Os Pensadores**. Abril Cultural. São Paulo, 1978. (Seleção de textos, de José Américo Motta Pessanha.)

FOCCILON, Henri. **Vida das Formas**. ZAHAR EDITORES S.A. Rio de Janeiro. 1981.

GUTH, Alan. **Inflation and the New Era of High-Precision Cosmology**. MIT Physics Annual, 2002.

LOVELOCK, James, “**The Revenge of Gaia: Earth’s Climate Crisis & The Fate of Humanity**”. Basic Books, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Vontade de Potência**. [Der wille Zur Macht]. Tradução, prefácio e notas: Mário D. Ferreira Santos. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. 330 p. (Clássicos de Bolso)

OLIVEIRA, Luiz Sérgio. **A mundanidade da arte**. Revista ARS v. 10, n. 20. Páginas 132-143. São Paulo. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ars/issue/view/5272/showToc>> Acesso: 15 de jul. 2014.

SOUZA, Renato Santos. **A normose Acadêmica**. Publicado no livro “Lia, mas não escrevia (livro eletrônico): contos, crônicas e poesias.” Porto Alegre: LFM do Nascimento, 2014. Disponível em: <<http://luisfelipenascimento.net/download-livro-lia-mas-nao-escrevia>> Acesso: 15 de jul. 2014.